

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES PALESTINAS NA PERSPECTIVA DO JORNALISTA ESTADUNIDENSE JOE SACCO DURANTE A PRIMEIRA INTIFADA (1992-1996)

REPRESENTATIONS OF PALESTINIAN WOMEN IN THE PERSPECTIVE OF AMERICAN JOURNALIST JOE SACCO DURING THE FIRST INTIFADA (1992-1996)

José Rodolfo Vieira*

Resumo: Por meio desse artigo, pautamos nossas atenções nas visões de mundo do jornalista estadunidense Joe Sacco acerca das mulheres palestinas durante sua viagem aos Territórios Ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. O período que corresponde sua viagem a Palestina está relacionado com os acontecimentos da Primeira Intifada Palestina iniciada em dezembro de 1987. A hipótese norteadora de nosso trabalho consiste em analisar como Sacco representou as mulheres palestinas no processo de produção de "Palestine". Levamos em consideração o esforço que o jornalista disponibiliza em reportar uma visão parcial a favor da Palestina e a iniciativa de dar voz a um povo que o próprio autor considera não ter espaço nos meios de comunicação ocidental. Para isso, consideramos o conceito de representações do historiador francês Roger Chartier como roupagem teórica para nossas análises. Como instrumento metodológico, pautamos nossas observações ao trabalho de Edivaldo Pereira Lima sobre o livro-reportagem.

Palavras Chave: Joe Sacco. Palestina. Mulheres.

Abstract: Through this article, we focus our attention on the world views of the American journalist Joe Sacco on Palestinian women during their trip to the Occupied Territories of the West Bank and the Gaza Strip. The period corresponding to her trip to Palestine relates to the events of the First Palestine Intifada which began in December 1987. The guiding hypothesis of our work is to analyze how Sacco represented Palestinian women in the process of producing Palestine. We take into account the effort that the journalist offers in reporting a partial vision in favor of Palestine and the initiative to give voice to a people that the author himself considers to have no space in the western media. For this, we consider the concept of representations of the French historian Roger Chartier as a theoretical framework for our analyzes. As a methodological instrument, we have guided our observations to the work of Edivaldo Pereira Lima on the book-report

Keywords: Joe Sacco. Palestine. Women.

* Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) defendendo a dissertação "Viagem pictoresca à Palestina: Táticas e estratégias nas representações do conflito israelo-palestino de Joe Sacco em Palestina (1992-1996) apoiado financeiramente pela CAPES.

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

Introdução

Nesse trabalho, nosso objetivo pauta-se nas representações do jornalista estadunidense Joe Sacco em seu livro-reportagem no formato de Histórias em Quadrinhos (HQ's) denominado "Palestine" publicado pela *Fantagraphic Books* entre os anos de 1993 e 1995. Em particular, as próximas páginas fazem referência as visões de mundo de Sacco, referente às mulheres palestinas durante sua viagem nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza durante a Primeira Intifada Palestina (1987).

Joe Sacco nasceu em Malta, mas emigrou para Melbourne, na Austrália, em 1961. Viveu na Austrália até 1972, quando se mudou com sua família para os Estados Unidos. Em um colégio no subúrbio de Portland, Oregon, Sacco teve seu primeiro contato com o jornalismo quando trabalhou no jornal escolar com a produção de *cartoons* e no editorial. Em 1978, entra na Universidade do Oregon no curso de Jornalismo. Após sair da universidade, junto com Tom Richards, produz o periódico "Portland Permanent Press", revista com distribuição gratuita sobre situações cômicas de Portland. Em 1986, inicia seus trabalhos na editora *Fantagraphic Books*, mesma editora que publicou em 1988 "Yahoo", no qual desenvolveu inicialmente temas sobre guerras e posteriormente sobre sua própria vida de jornalista. No Brasil, "Yahoo" foi publicado como "O Derrotista" pela Conrad do Brasil em 2006.

Como fonte e objeto de nossa pesquisa foi utilizada a versão publicada em 2011 pela *Fantagraphic Books* de "Palestine". "Palestine" é composto por 285 páginas e discorre sobre as memórias de palestinos que estiveram direta ou indiretamente em alguma situação de conflito com as Forças de Defesa de Israel (FDI). Em suas observações, Sacco representa os acontecimentos em

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

escala micro dentro de um processo macro, ou seja, a Intifada na Palestina que iniciou nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

A hipótese norteadora de nosso trabalho consiste em analisar como Sacco representou as mulheres palestinas durante a produção de um livro-reportagem em linguagem de Histórias em Quadrinhos. Para isso, levamos em consideração o olhar ocidental sobre o Oriente, e especificamente o olhar construído das mulheres muçulmanas pelo Ocidente. Também levamos em consideração as próprias palavras do autor em considerar seu próprio trabalho como parcial a causa palestina e avessa as representações bem estabelecidas pelos expedientes estadunidenses. Dessa maneira, ficaremos atentos às entrelinhas de seu trabalho e as divergências existentes nesse choque de culturas.

Entendemos como representações o conceito do historiador francês Roger Chartier (1990). Para Chartier (1990, p. 23-24) “A problemática do ‘mundo como representação’, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o mundo real”. Portanto, “Palestine” é o mundo como representação de Sacco. E como tal, compreendemos que as representações de sua viagem são imagens construídas, dotadas de sentidos e perspectivas. Portanto, não excluiremos o contexto em que se encontra Sacco para a produção de seu trabalho, tal como o fato de ser jornalista por profissão e viver a maior parte de sua vida nos Estados Unidos. Entendemos que esses são elementos demasiadamente importantes para a construção de seus pontos de vista sobre uma cultura e acontecimentos que estavam distantes de sua realidade. Além disso, suas representações são construídas *ex post* a sua viagem, assim sendo, elas não

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

necessitam estritamente de sua relação instantânea com os acontecimentos representados.

Como livro-reportagem observamos “Palestine” por meio da noção de Edivaldo Pereira Lima (2004, p.54) ao dizer que o livro-reportagem “Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual”. Nesse caso, observaremos que as críticas ao tratamento midiático dado pelo Ocidente referente ao conflito entre Israel e a Palestina fazem parte do elo que conecta o passado, ou seja, a disputa pelo território da Palestina com o tema então candente para o período de sua produção, nesse caso a Intifada de 1987 como processo do desdobramento dos conflitos desde 1948 no Oriente Médio entre Israel e os países árabes após a partilha das Nações Unidas.

A Intifada e as mulheres palestinas

Em dezembro de 1987 as relações entre palestinos e israelenses se intensificam na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Segundo Mustafá Yazbek (1995, p.51) nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza jovens iniciaram atos de atirarem pedras contra os soldados israelenses em protesto contra as repressões advindas do Estado de Israel. Desde a partilha do território proclamado pelas Nações Unidas em 1947, e efetuado em 1948, dá início as hostilidades entre árabes e judeus. De 1948 até o momento em que escrevo essas palavras, essas hostilidades encontram pequenos momentos de tranquilidade entre um cessar fogo e outro, mas sempre com seus constantes conflitos entre palestinos e soldados israelenses, que de certa forma tomam alguns minutos nos noticiários e periódicos.

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

O conflito no território da Palestina é um dos maiores que conhecemos. Já são mais de cinquenta anos que judeus e árabes lutam pelos domínios territoriais da Terra Santa. O conflito na Palestina ultrapassou a própria Guerra Fria, mesmo ambos os conflitos emergirem quase que simultaneamente, o conflito no Oriente Médio continua por mais de três décadas e sem solução aparente até o momento. Sobre o conflito, apesar de o objetivo ser o domínio sobre o território da Palestina, ele é heterogêneo e volátil em sua relação com o tempo. Conforme Ruy Alves Jorge (1975, p.160), o choque de 1948 dá-se diante do domínio da cidade de Jerusalém e a imposição de um Estado autônomo judeu em território árabe. O conflito culminou com a vitória de Israel e a dominou como a Guerra da Independência.

Pouco menos de uma década depois, as ações antiocidentais do então presidente Nasser do Egito em nacionalizar o Canal de Suez, levou a coalizão entre Israel com Inglaterra e França. Para Jorge (1975, p.167), a consequência maior desse conflito, além da vitória por parte da coalizão, foi a tomada da Faixa de Gaza como território israelense. Em 1967, a Guerra dos Seis Dias marcou a força do poder militar israelense, que apenas em seis dias destruíram as defesas libanesas e sírias. Consequentemente, os países árabes reuniram suas forças em 1973 para retaliar Israel (JORGE, 1975, p.198). Com o apoio econômico e militar dos Estados Unidos, Israel mais uma vez consegue a vitória sobre os países árabes.

No entanto, essa sucessiva onda de conflitos entre os países árabes e Israel desde o final da década de 1940 encobriam o objetivo colonialista israelense sobre a Palestina. O ímpeto pela colonização na Terra Santa advém muito antes da partilha realizada pelas Nações Unidas. O Congresso Sionista de 1897 era a obtenção de um direito legal por parte dos judeus e a busca de reconhecimento internacional para a colonização da Palestina (JORGE, 1975,

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

p.42). A partir do Congresso Sionista de 1987 na Palestina inicia a aquisição de terras compradas por judeus na Palestina. Tal ação levou Edward Said (2012, p.78) afirmar que a estratégia sionista nunca foi um movimento de libertação judaica, mas um movimento colonial de assentamentos no Oriente.

Concomitante as aquisições do movimento sionista na Palestina e dos seguidos conflitos entre Israel e os países árabes, iniciava um longo processo de repressão e desalojamento dos palestinos de seus territórios. Por muitas vezes a violência e o terrorismo são ações conectadas aos palestinos contra os judeus. Porém, para os primeiros colonos sionistas, os árabes eram um povo a ser ignorado. (SAID, 2012, p.21). A partir da concepção de que os árabes deveriam ser ignorados, e assim, dar espaço para o retorno judeu ao seu lar sagrado, construiu-se um vasto mecanismo de apropriações de terras palestinas. Dentre vários mecanismos, podemos observar de antemão o progressivo aumento de assentamentos ilegais por parte dos colonos judeus, no qual Jorge (1975, p.71) afirma que:

Desde 1947 Israel conquista novos territórios. Este é um fato que ninguém em sã consciência pode negar, mesmo o israelense ou aqueles que não nutrem maiores simpatias pelos povos árabes. A menor vantagem material Israel expande seus territórios, estabelecendo-se neles com um 'fait accompli' (fato consumado). Trata imediatamente de expulsar os habitantes locais, para depois de arrasar suas casas, empreender a construção de kibutz (coletividade comunitária de Israel), oleodutos e edifícios, mudando, finalmente, a denominação árabe da cidade para uma designação judaica [...]

Outro ponto crucial para o sucesso israelense pode ser creditado pela função desempenhada pelos meios de comunicação, especialmente os estadunidenses. Sobre isso, Said (2012, p.XLIV) discorre que em sua opinião, '[...] muito pior é a hipocrisia do jornalismo e do discurso intelectual do Ocidente (e

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

do sionismo liberal), que raramente tem algo a dizer do terror sionista. Existe algo menos honesto do que a retórica de afronta que se emprega para relatar o terror 'árabe' contra 'civis israelenses' [...]"

Possivelmente, a incredulidade por parte de Said (2012) referente aos meios de comunicação parte do pressuposto da criação de estereótipos cujo Ocidente constrói sobre o Oriente. E por esse viés é que tentaremos compreender o trabalho de Sacco nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. No prefácio a edição brasileira de "Palestine", Sacco afirma que sentia uma necessidade quase biológica de agir perante o conflito na palestina. Primeiramente, essa necessidade biológica pode ser observada por meio de sua própria experiência de vida. Em meados da década de 1980, Sacco já havia entrevistado sua mãe, Carmem M. Sacco sobre suas experiências durante os ataques aéreos em Malta durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (CHUTE, 2016, p.199). Assim, a temática de conflitos já fazia parte de suas experiências de vida muito antes do interesse pelo conflito no Oriente Médio. Além disso, o fato de em sua opinião colaborar indiretamente com o conflito, visto que é pagador de impostos nos Estados Unidos que em sua opinião financia o exército israelense (SACCO, 2011a, p.xvi).

Sacco também não deixa de tecer críticas aos meios de comunicação nos Estados Unidos, pois, em suas palavras, "O outro argumento, sobre a qualidade do jornalismo norte americano, me indignava ainda mais, visto que depois de muito me esforçar para tornar-me como aqueles jornalistas, descobri que o tratamento que dispensavam àquele tema não apenas deixava a desejar, como era literalmente vergonhoso. Sentia que não me informava em absoluto" (SACCO, 2011a, p.xvi). Como o tratamento dispensado pelos meios de comunicação deixava a desejar em sua concepção, além de também ser jornalista e sua família já ter vivenciado zonas de conflito, portanto, tais

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

elementos constituem os pressupostos para seu interesse, pelo menos em suas palavras. André Castanheira Gattaz (2003, p.10) em seu livro "A guerra da Palestina" discorre que:

É de causar espanto ao leitor ocidental, acostumado à versão única passada pela mídia, afirmando a 'barbárie terrorista oriental' frente aos 'civilizados padrões do Ocidente', a constante estratégia de destruição utilizada na conquista do território palestino, inicialmente pelos imigrantes judeus sionistas (identificados, pelos meios de comunicação, com esses elevados padrões de civilização) e depois pelo Estado de Israel.

Assim sendo, a viagem para a Palestina pode ser considerada uma nova perspectiva para o conflito entre árabes e israelenses, no qual Sacco acredita dentro de suas representações ser diferente daquela Palestina representada pelos meios de comunicação. Tal perspectiva, conforme o próprio Sacco, não é um ponto de vista neutro sobre o conflito, muito pelo contrário, é um ponto de vista parcial que tende, a todo o momento, compreender o conflito na Palestina pela perspectiva palestina (SACCO, 2011a, p.xvii). Mesmo tecendo críticas ao modo de produção jornalística acerca do conflito, Sacco não deixa de utilizar desses mesmos métodos para a produção de seu trabalho. No entanto, as ferramentas utilizadas por ele não são as mesmas empreendidas pelo jornalismo dito tradicional, ou seja, uma notícia totalmente verbal. Sobre a escolha do suporte jornalístico utilizado por Sacco, ou seja, o livro-reportagem, Lima (2004, p.56) afirma:

Também aborda um tema atual, como faz o livro-instantâneo. Mas apresenta uma diferença peculiar: seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo. Mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. Assim, permite ao leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro.

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

Nesse caso, como tema atual e ainda sem desfecho a Intifada é seu objeto por excelência. Sacco não está preocupado em afirmar ou negar o acontecimento, mas, em aprofundar o tema ou até mesmo ter um propósito investigativo de tal acontecimento (LIMA, 2004, p.57-58). Pensando na produção jornalística, "Palestine" pode ser enquadrada na extensão da pauta, ou seja, estender "a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade" (LIMA, 2004, p.61).

Por esse viés, compreende-se que "Palestine" é uma tentativa de levar seu leitor a repensar a imagem construída sobre o Oriente pelos meios de comunicação ocidentais. Se conforme as palavras de Walter Lippmann (2008, p.85) as construções de estereótipos pelos meios de comunicação partem primeiro da definição de conceitos pré-estabelecidos pela nossa cultura para depois observarmos o fato, em contrapartida Sacco parte da representação do "novo" para a definição de novos conceitos.

São vários temas que Sacco aborda em "Palestine", desde prisões administrativas, entrevista com mães que perderam seus filhos nos primeiros dias da Intifada, encontro com feridos e várias outras testemunhas oculares não só da Intifada, mas de um longo processo referente ao conflito israelo-palestino. É importante frisar que a temática das mulheres palestinas não dispensa uma quantidade tão grande de páginas no trabalho de Sacco. Referente aos casos de tortura, Sacco dispensou mais de dez páginas para representar o processo de tortura de um palestino enquanto três páginas foram utilizadas para representar o caso feminino. Porém, esse fato não descaracteriza a interessante abordagem realizada por ele em sua viagem. Por outro lado, já demonstra tratamento desigual na análise de processos de tortura entre homens e

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

mulheres na Palestina pelos soldados da FDI ou dos agentes do *ShinBet*. O caso em que a figura masculina foi representada por Sacco demonstra grande quantidade de requadros e dá ao leitor a ideia de um longo período de reclusão e sofrimento em que o palestino esteve confinado. No caso feminino não existe essa apelação pelo emocional dos leitores e conseqüentemente a troca de experiência em relação ao também doloroso confinamento em que a jovem palestina esteve submetida.

No entanto, é a própria representação das mulheres muçulmanas palestinas que chama atenção para esse trabalho. Se pensarmos que Sacco viveu praticamente toda sua vida no Ocidente e apropriou-se constantemente de estereótipos da mulher muçulmana nos Estados Unidos. Por isso, antes mesmo de darmos início a nossa análise parece pertinente compreender como é o olhar do Ocidente sobre a mulher muçulmana. Sobre o estereótipo da mulher muçulmana Peter Demant (2013, p.148) afirma que:

As mulheres no mundo muçulmano constituem objetos de fascínio para o Ocidente: ontem 'fantasia orientalista', a sensual criatura do harém; hoje vítima de opressão, velada e genitalmente mutilada. Ambas as imagens representam um Oriente estereotipado, tanto voluptuoso quanto cruel, mas sempre de uma alteridade aparentemente intransponível. Ambas são, portanto, exageros que não descrevem a realidade social da esmagadora maioria das muçulmanas, correspondendo apenas a fragmentos da realidade.

Conforme Demant (2013), a mulher muçulmana foi construída como fantasia sensual orientalista no passado, e hoje é representada como vítima e passiva diante da opressão masculina. Como o próprio Demant (2013) afirma, ambas as observações são exageros que não estão paralelamente ligadas a realidade dessas mulheres, e assim compõe apenas fragmentos de uma

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

realidade. Tal afirmação pode ser comparada ao que Said (1990, p.18) denomina de "Orientalismo", ou seja, a construção de um Oriente pelo Ocidente. Perpetuado pelos interesses políticos e econômicos no Oriente, o Ocidente tende a construir a imagem de aversão sobre o Oriente. O Oriente para o Ocidente torna-se tudo aquilo que deve ser negado por meio do binômio inferior/superior.

Apesar da existência dessa construção acerca da imagem da mulher muçulmana pelo Ocidente, isso não descaracteriza a segregação sexual dentro do islã. Como o próprio Demant (2013, p.150) afirma, no pensamento islâmico a posição da mulher é inferior a do homem, realidade essa que tem seus reflexos a partir da realidade sociológica da sociedade pré-islâmica na qual o islã surgiu, ou seja, de uma tradição tribal no qual diferenciava os trabalhos entre homens e mulheres. Porém, tal inferioridade não é exclusividade do mundo muçulmano, mas frente à teia de racismos e estereótipos culturais (SAID, 1990, p.39) advindos do imperialismo político e da ideologia desumanizante diante do mundo muçulmano, a carga negativa é demasiadamente forte.

Como representações, tanto a mulher muçulmana fetiche orientalista sensual do passado e a mulher muçulmana vítima da opressão no presente, ambas são construções ocidentais para o próprio Ocidente. Dessa maneira, investida de todo um aparato político e ideológico resultante dos interesses ocidentais sobre o Oriente, tais construções desumanizantes acerca do mundo muçulmano disseminaram pelo Ocidente. A difusão desse estereótipo e as causas dessa construção são discutidas por Said (1990, p.38):

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

A televisão, os filmes e todos os recursos de mídia forçaram a informação para dentro de moldes cada vez mais padronizados. No que diz respeito ao Oriente, a padronização e a estereotipação cultural intensificaram o domínio da demonologia e imaginativa do "Oriente misterioso". Em lugar algum isso é mais verdadeiro que nos modos como o Oriente Próximo é compreendido. Três coisas contribuíram para transformar até mesmo a mais simples percepção dos árabes e do islã em uma questão altamente politizada, quase áspera: uma, a história do preconceito popular antiárabe e anti-islâmico no Ocidente, imediatamente refletido na história do orientalismo; duas, a luta entre os árabes e o sionismo israelita e os seus efeitos sobre o judeu americano, bem como sobre a cultura liberal e a população em geral; três, a quase total ausência de qualquer posição cultural que tornasse possível, seja identificar-se com os árabes e com o islã, seja discuti-los com isenção. Além disso, quase não é preciso dizer que, posto que o Oriente Médio está hoje identificado com a política das Grandes Potências, com a política do petróleo e com a dicotomia simplista do democrático e amante da liberdade Israel e os árabes maus, totalitários e terrorista, as chances de qualquer coisa parecida com uma visão clara sobre o que se está falando e quando se está falando sobre o Oriente Próximo são depressivamente pequenas [...]

A partir desse pressuposto do papel desempenhado pelos meios de comunicação, tais como a televisão e os filmes, a padronização do estereótipo árabe como sendo maligno é amplamente difundido no Ocidente. Dentre as causas dessa difusão midiática ocidental, Said (1990) aponta a existência de um preconceito já existente de um Oriente que em sua história sempre foi dominado pelo Ocidente (SAID, 1990, p.73), e o que parece ser o surgimento de um novo preconceito enraizado na disputa entre os países árabes e o sionismo na Palestina. Por meio desse pressuposto, é compreensível que a construção do Ocidente sobre o Oriente possui sua historização. Nesse processo de construção, após a difusão do Islã no século VII, não foram poucos os embates entre Oriente e Ocidente, podendo ser observados desde a Batalha de Pointiers, as Cruzadas, a Guerra da Reconquista e o desmanche do Império

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

Turco Otomano na Primeira Guerra Mundial. Esse último, como afirmado por Said (1990) tem reflexos pertinentes ao judeu estadunidense, que de certa forma contribuiu em demasia para o fortalecimento da imagem do islã como eternamente hostil ao cristianismo ocidental.

Após a Segunda Guerra Mundial, especialmente após a partilha do território em 1947, há o fortalecimento da representação negativa do islã no Ocidente paralelo ao projeto sionista na Palestina, e pode ser observado nas palavras de Said (2012, p.46) que “[...] no caso de Israel, em que falar com fervor por e a favor de Israel é obrigação de qualquer um, seja na vida pública, seja nos meios intelectuais, a possibilidade de encontrar espaço para falar pelos palestinos é quase nula; na verdade, cada declaração a favor de Israel aumenta e concentra a pressão para que os palestinos se caleem e aceitem a repressão”. Não havendo espaço para a autorrepresentação palestina, essa situação fortaleceu as pretensões do Estado de Israel, que dentre as suas intenções tem a retirada completa dos árabes da Palestina. Assim sendo, diante desse quadro histórico que envolve a negativização da imagem do Oriente, especialmente o Oriente Médio pelo Ocidente, juntamente com o fortalecimento desse estereótipo através dos meios de comunicação em massa devem ser considerados fatores substanciais que contribuíram para a mudança da mulher fetiche sensual para a mulher mutilada e vítima da opressão.

Como se observou a pouco, o estereótipo construído no presente sobre essas mulheres as representa como mutiladas e agentes passivas da opressão tradicional de sua cultura. Sendo Sacco ocidental, o estranhamento não deixou de ser representado por ele. Conforme imagem 1, podemos observar que Sacco está no centro do requadro e concomitante a sua presença, as mulheres palestinas, adornadas com seus hijabs vão afastando-se dele. Tal representação é um bom exemplo de construção por parte de Sacco.

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

Possivelmente tal situação não aconteceu, ou seja, mulheres afastarem-se dele devido sua presença. Representar o afastamento dessas mulheres palestinas está muito mais voltado a não compreensão de Sacco diante da situação dessas mulheres, que vivem entre o tradicional e o moderno. Para enfatizar sua representação, Sacco utiliza o requadro superior da página como uma composição teatral (EISNER, 2010, p.90). Como se fosse um palco, Sacco controla o ponto de vista de seu leitor. Assim, Sacco constrói sua interpretação sobre as mulheres palestinas e delimita que seu ponto de vista seja o ponto de vista do leitor. Considerando que esse requadro determina uma construção teatral conforme as visões de mundo de Sacco, devemos analisar os significados de seus elementos.

A hijab, conforme Cristina Kaipper Dias (2013, p.1) é a indumentária da tradição islâmica composta de historicidade, pois, durante o decorrer do tempo os usos e formas da hijab foram múltiplos, tanto para delimitar posição social como regional. Porém, durante a Intifada, a hijab passou a ter nova conotação. Diante da ameaça israelense sobre o povo palestino, a hijab foi utilizada como símbolo de resistência cultural e nacionalista pelas mulheres (DIAS, 2013, p.4). Seu uso referenciava o sentimento de coesão social perante uma ameaça externa às tradições e sua cultura. Ou seja, no início da Intifada a hijab era um símbolo nacional, representava resistência diante de uma cultura que insiste adentrar o território palestino. Sendo Israel considerada uma nação "democrática" e moderna, é reconhecida pelas mulheres palestinas como uma cultura intrusa. A hijab por sua vez tende a reafirmar o tradicionalismo árabe diante desse "intruso" que persiste em eliminar os resquícios árabes e muçulmanos na região.

Por consequência, o uso da hijab está muito relacionado com a luta nacionalista do povo palestino. Segundo Gattaz (2013, p.152), após a Guerra

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

de 1967 houve nos territórios da Palestina o crescimento do sentimento nacionalista. Porém, esse sentimento nacionalista era totalmente masculino e excluía a participação das mulheres palestinas nesse processo. Somente com o desdobramento de acontecimentos pós 1967 é que a participação feminina foi ganhando espaço na luta nacionalista palestino. Nesse ínterim, a Intifada cuja participação inicial era totalmente popular, dentre os vários grupos populares emergentes possibilitou a entrada das mulheres pela luta nacionalista. Sobre o advento da participação feminina na Intifada, Said (2012, p.XLIV) afirma:

Se por um lado, as tropas israelenses matavam a tiros, espancavam e perseguiam civis, por outro lado, os palestinos procuravam meios de contornar e cruzar as barreiras, enquanto autoridades civis proibiam a educação ou a agricultura, os palestinos improvisavam organizações alternativas para fazer o que era necessário; enquanto as regras de uma sociedade ainda essencialmente patriarcal mantinham as mulheres em subserviência, a intifada lhes deu voz, autoridade e poder [...]

Porém, com o desenrolar da Intifada nos territórios ocupados, o sentimento nacionalista aumentava cada vez mais, e com ele o surgimento de grupos fundamentalistas como o Hamas ganhava espaço entre os palestinos. Com o crescimento do Hamas nos territórios ocupados, cresce também a imposição religiosa sobre os palestinos. A hijab que antes conotava a resistência nacionalista diante de um inimigo de fora, no caso o Estado de Israel, passa a ser obrigatório seu uso entre as mulheres. Conforme Rema Hammani (1990, p.24) *"While some positive developments have occurred, it is also true that the*

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

*intifada has been the context for a vicious campaign in Gaza to impose the hijab (headscarf) on all women"*¹.

Se inicialmente a hijab simbolizava o nacionalismo feminino na Palestina, o crescimento do fundamentalismo islâmico mudou totalmente o seu significado. Para melhor compreendermos essa mudança de significado, deve-se analisar a relação entre o fundamentalismo islâmico e as mulheres. Para Demant (2013, p.159-160) o "exibicionismo sexual" das mulheres, como ocorre no Ocidente na concepção fundamentalista islâmica, traz uma má-reputação para as mulheres muçulmanas ao nível de prostituição. Isto posto, com o crescimento dos movimentos fundamentalistas na Palestina, há o impedimento da liberdade da mulher sobre seu corpo e suas ações políticas.

A representação de Sacco diante de várias mulheres palestinas dispersando com sua presença pode significar a incompreensão acerca dessa situação. Nesse caso, não seriam as mulheres palestinas dispersando devido sua presença, mas o afastamento decorrente da não compreensão por parte de Sacco, ou melhor, de um homem ocidental carregado de estereótipos ocidentais sobre as mulheres muçulmanas. Ou seja, Sacco não compreende que coexiste no significado da hijab a luta nacionalista e a imposição fundamentalista para a sua utilização durante a Intifada. Assim, quanto mais Sacco tenta compreender a situação da mulher palestina, mais distante é seu entendimento sobre elas.

Em outro momento de "Palestine", Sacco depara-se com os trabalhos do Comitê de Ação Feminina da Federação Palestina (SACCO, 2011b, p.133). Sobre os trabalhos realizados pelo comitê durante a Intifada, Melinda M. Cohoon (2016, p.10) afirma que durante a Intifada, o comitê tinha suas

¹ [No português]: Enquanto alguns desenvolvimentos positivos ocorreram, é verdade também que a Intifada se tornou um contexto em Gaza na campanha da imposição da hijab (véu) a todas as mulheres. (tradução livre).

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

atividades voltadas em jogar pedras nos carros militares israelenses e a queima de pneus para barricadas. No entanto, nas representações de Sacco outras particularidades sobre o comitê são discutidas, dentre elas, e a mais destacada é a ação jurídica a favor dos direitos das mulheres palestinas. Em referência a luta feminina no front contra as FDI, Sacco mais uma vez faz poucas declarações sobre essa situação. Da mesma forma que o pequeno relato acerca da tortura feminina em relação a visão de mundo sobre a tortura masculina em "Palestine", não há aprofundamento por parte do autor sobre essas mulheres que se juntaram aos homens na queima de pneus durante as barricadas. Isso reafirma os pré-conceitos ocidentais acerca da imagem feminina muçulmana, ou seja, legitima o estereótipo de mulher mutilada e submissa. O fato de não dar tanto espaço para a luta das mulheres na Intifada não permite ao leitor se posicionar sobre o papel das mulheres nos confrontos contra as forças armadas de Israel. Deixa a impressão que é somente os homens que bravamente lutam contra a repressão de um Estado imperialista e não possibilita a observância da natureza feminina nessas lutas.

As visões de mundo das mulheres e do papel do Comitê em "Palestine" ficam restritos aos trabalhos internos realizados nos Territórios Ocupados. A representação dos trabalhos do comitê por Sacco inicia-se com a saída de uma jovem palestina anônima que ao recusar sair de casa para comprar chá para seu marido foi violentada por ele após ter seu rosto queimado com água fervente. A jovem procura o comitê pelo direito de divórcio diante dessa situação. Essa observação ressalta a violência doméstica em que as mulheres palestinas resistem contra o sistema tradicional do Alcorão. Após a representação dessa jovem palestina, Sacco encontra-se no comitê com Rita, uma feminista palestina não muito detalhada por Sacco. Rita afirma para Sacco que o grande problema no islã está na interpretação dúbia do Alcorão

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

(SACCO, 2011b, p.133). Sobre as interpretações do Alcorão sobre a situação das mulheres, Demant (2013, p.155) afirma:

[...] os versículos do Alcorão que regulam e limitam o comportamento da mulher são pouco numerosos e passíveis de múltiplas interpretações. A situação da mulher no islã reflete antes valores e necessidades de uma sociedade tribal do que valores especificamente religiosos. Parece que ao invés de negar o tribalismo, o islã 'levava' valores tribais, intrínsecos às suas fontes autorizadas, para as outras sociedades que conquistou, influenciou ou converte.

São por meio desses versículos pouco numerosos que Rita e o comitê tentam colaborar com as mulheres na Palestina. Em vista disso, o papel do comitê nas representações de Sacco não está entrelaçado com a perspectiva de Cohoon (2016) que salientou a participação das mulheres nos conflitos. O comitê de Sacco está interessado na situação das mulheres dentro das relações sociais em sua sociedade. Enquanto a Intifada ocorre nos territórios ocupados entre as Forças de Defesa de Israel e os militantes palestinos, o comitê colabora na assistência às mulheres que ainda convivem com os maus tratos advindos das antigas relações tribais a qual o islã surgiu.

Dessa maneira, as representações de Sacco não leva em consideração a dupla jornada de luta das mulheres palestinas. Não é só o inimigo externo que preocupa as mulheres palestinas, mas há também o problema interno a ser resolvido. Mesmo muitas delas lutando ao lado dos homens pela autodeterminação e liberdade da Palestina diante de Israel, a luta das mulheres também se volta para a reorganização da situação social entre homens e mulheres e visa a preocupação feminina após uma possível libertação da Palestina. Apesar de essas representações levarem a afirmação do estereótipo da mulher vítima da opressão, o trabalho do comitê parece

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

muito mais pertinente a uma mudança nas ações femininas na Palestina do que a continuidade das ações tradicionais. O fato de Rita (SACCO, 2011b, p.133) mencionar os problemas advindos das interpretações errôneas do Alcorão por si só representam uma atitude ativa e não mais passiva diante da opressão causada pelas tradições islâmicas.

Portanto, ao invés de representar a dupla luta da mulher palestina, a representação do comitê parte de uma visão dúbia de seu autor que transita entre a modernização da mulher muçulmana diante do processo de globalização e conseqüentemente o contato com as lutas pela liberdade feminina no Ocidente e a continuação do estereótipo de submissão e mutilação tão disseminado no Ocidente. A modernização quebra o véu que envolve a opressão, pois muitas mulheres passaram a reivindicar sua liberdade de aprender a ler e escrever (DEMANT, 2013, p.155), que no caso de "Palestine" pode ser observado na organização de um grupo que além de ler, também aprendeu a reinterpretar as seculares leis islâmicas do Alcorão. Da mesma forma, representa fortemente o atraso dos costumes islâmicos e deixa de mencionar com mais ênfase a luta feminina contra Israel.

Outro ponto dúbio de Sacco acerca das mulheres na Palestina decorre de uma conversa com uma pequena garota, no qual não há detalhes sobre sua identidade por parte do autor que o questiona sobre várias curiosidades acerca dos Estados Unidos (SACCO, 2011b, p.229-230). Sacco representa essa situação como a garota impondo suas ideias diante de uma plateia masculina que em nenhum momento a desencoraja em continuar com suas perguntas. Além disso, após sair da sala no qual encontrava Sacco e a família da garota, em uma conversa separada com outro palestino, Sacco comenta ter-se interessado pela posição questionadora da menina. Prontamente o outro palestino, também sem muitos detalhes sobre sua identidade, afirma que caso

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

fosse sua filha, daria um computador para ela estudar. Nesse momento de "Palestine" dá a impressão de que o autor tenta ressaltar a liberdade feminina no núcleo familiar. Essa representação deixa mais confusa ainda as representações das mulheres em seu trabalho, pois, o autor não atenta-se em discutir com seus leitores a diversidade cultural árabe ou pelo menos as várias maneiras de convívio da mulher palestina.

Um caso possível de comparação com as representações de Sacco advém do jornalista brasileiro José Arbex Junior (2002) em sua visita à Palestina em 2002 durante a segunda Intifada e que também esteve em contato com algumas mulheres palestinas. Em suas entrevistas, Arbex (2002) questiona sobre as liberdades possíveis dessas mulheres. Ao questionar sobre casamento, a entrevistada denominada por Arbex (2002) como "Garota 1" responde que "Minha mãe disse que eu é que teria de fazer a escolha, mas que ela achava muito improvável que eu aceitasse" (ARBEX, 2002, p.84), porém, a entrevistada não deixa de comentar sobre a variedade de situações acerca da liberdade feminina na Palestina. Enquanto sua família possibilitou que ela escolhesse seu próprio pretendente, além de também ter possibilitado sua educação em uma escola e a opção do ensino superior, a entrevistada afirma que muitas de suas amigas não tiveram a mesma liberdade.

Diferente do Ocidente, o casamento para o mundo muçulmano corresponde muito mais a alianças econômicas entre famílias do que ao romantismo ou até mesmo a satisfação sexual do casal (DEMANT, 2013, p.152). A possibilidade de escolha é possível ser analisada por meio do mesmo fator que o comitê luta pelos direitos jurídicos das mulheres palestinas, ou seja, do contato com o Ocidente possível por meio da globalização, que segundo Demant (2013, p.155) tende cada vez mais a abranger tais ações afirmativas. Porém, os desdobramentos advindos do processo de globalização mesmo

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

representando tais efeitos, ao que tudo indica tem um longo caminho a ser percorrido.

Nesse caso, o distanciamento representado por Sacco não estaria relacionado a esse processo em andamento nos territórios ocupados? O fato de representar as mulheres palestinas trajando hijabs e afastando-se dele pode ser observado com a incompreensão dessa mescla de mundos em sua visita a Palestina. Enquanto casos de lutas por seus direitos jurídicos dentro de uma sociedade tradicional esbarram em um forte retorno as tradições, tal como o uso da hijab, que inicialmente conotou a luta nacional contra o inimigo externo e posteriormente teve seu uso imposto por grupos fundamentalistas.

A mulher palestina de Sacco encontra-se nessa via dupla entre o tradicional e o moderno e devido a isso suas representações parecem muito confusas. Suas representações sobre as mulheres palestinas, ao mesmo tempo que distancia dos estereótipos já estruturados no Ocidente, tal como a mulher fetiche sensual e a mulher oprimida e mutilada, possíveis de serem observados nas lutas pelos direitos jurídicos, porém, há também as representações sobre a imposição da hijab pelos fundamentalistas e a afirmação dos estereótipos conhecidos por Sacco no Ocidente.

Por conseguinte, as representações de Sacco sobre as mulheres palestinas possibilitam ao mesmo tempo a imagem da força das mulheres que buscam reinterpretar o Alcorão e a opressão exacerbada em relação ao controle de suas vestes advindos do crescente nacionalismo fundamentalista na Palestina durante a Intifada de 1987. Porém, não pode ser deixado de observar que mesmo tendo o esforço de representar certa liberdade feminina nos Territórios Ocupados, Sacco ainda esbarra em estereótipos ocidentais que tanto parece refutar. Apesar de salientarmos nesse trabalho as representações das mulheres em "Palestine", o espaço reservado para elas ainda é muito

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

pequeno se comparado ao espaço reservado para a imagem dos homens. Talvez a maior disparidade esteja no reforço da submissão das mulheres diante da violência doméstica e o pouco espaço para descrever a luta das mulheres ao lado dos homens na Intifada Palestina.

Considerações Finais

Por fim, o livro-reportagem resultante da viagem de Sacco aos territórios ocupados da Palestina durante a Intifada, além da própria representação do conflito também possibilita a observação de outras representações em seu trabalho, tal como as mulheres palestinas durante a Intifada.

Como livro-reportagem que se preza pelo aprofundamento de determinado assunto jornalístico contemporâneo com a peculiaridade de que seus desdobramentos finais por muitas vezes ainda são desconhecidos (LIMA, 2004, p.56). No caso do tema relacionado às mulheres palestinas, Sacco representa distanciamento acerca de sua compreensão sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que busca conhecer melhor o cotidiano dessas mulheres parece aumentar o abismo sobre a compreensão de certo dinamismo social entre a luta pela liberdade e a imposição do tradicionalismo sobre as vestes femininas pelos movimentos fundamentalistas durante a Intifada. Em suas representações, coexistem a mulher muçulmana moderna que durante o processo de globalização e o contato com o Ocidente tende a reinterpretar as tradicionais leis do islã que priorizam o papel do homem sobre o papel da mulher, situação essa advinda do reflexo da sociedade pré-islâmica tribal, e por outro lado, a mulher muçulmana cuja representação está paralelamente interligada com a construção ocidental de mulher muçulmana mutilada e vítima da opressão. Apesar de seu esforço em representar a luta das mulheres palestinas, suas visões de mundo deixam de lado a importância da

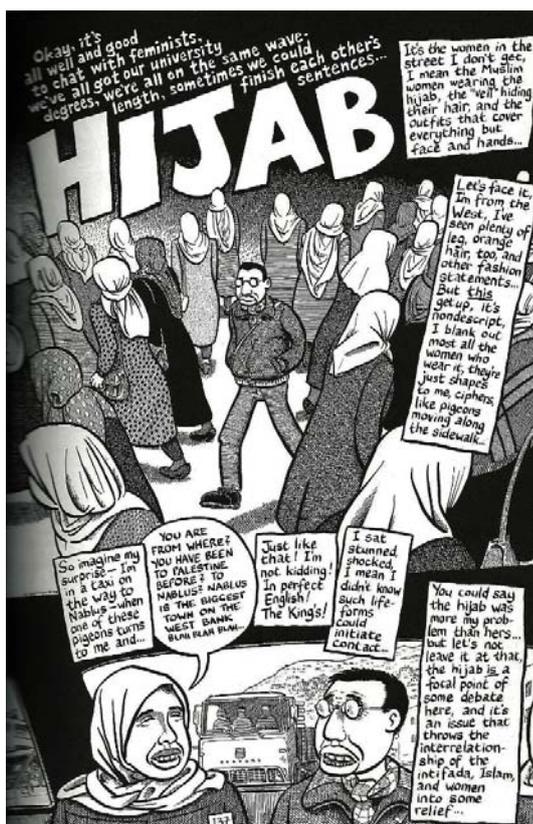
VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

participação das mulheres ao lado dos homens durante a Intifada e deixa o maior espaço para a luta contra o sistema tradicional islâmico.

Portanto, devido à coexistência dessa dupla situação social cujas mulheres palestinas convivem, Sacco representa o distanciamento entre ele e elas em seu requadro, conforme a figura 1. Ao invés de significar o desprezo ou medo das mulheres por haver um homem entre elas, a situação representada por Sacco delimita a fronteira que separa a realidade observada por ele em sua viagem e os hiatos advindos das construções ocidentais sobre o Oriente.

Figura 1



Hijab. SACCO, 2011b, p.137

VIEIRA, José Rodolfo. Representações das mulheres palestinas na perspectiva do jornalista estadunidense Joe Sacco durante a Primeira Intifada (1992-1996). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 117-140, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

Referências

ARBEX JR, José. **Terror e esperança na Palestina**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHUTE, Hillary L. **Disaster Deawn: Visual witness comics, and documentary form**. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2016.

DIAS, Cristiana Kaipper. As “mulheres bomba” da Palestina: Qual a verdadeira questão?. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, 2013. Disponível em:<<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9227/1/Cristiana%20Kaipper.pdf>>. acesso em 03 de dezembro de 2016.

EISNER, Will; **Quadrinhos Arte Sequencial: princípios básicos e práticos do lendário cartunista**. 4.ed. São Paulo, SP; Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GATTAZ, André Castanheira. **A guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada**. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

HAMMAMI, Rema. **Women, the Hijab and the Intifada**. Middle East Report, v. 20, n. 164/165, Mai-Ago. 1990. p. 24-8.

JORGE, Ruy Alves. **A justiça está com os Árabes: História do conflito árabe-israelense**. São Paulo, 1975.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2011.

SAID, Edward W. **A questão da Palestina**. São Paulo, SP: Unesp, 2012.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 1990.

YAZBEK, Mustafa. **Palestinos em busca da pátria**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

WADI, Shahd. **Feminismo de corpos ocupados: as mulheres palestinas entre duas resistências**. 2009. 87f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2009.